



PPRI
Partido Proletário
Revolucionário
Internacionalista



**GENOCÍDIO
na PALESTINA**

03/07/2024 / n° 45

**ABAIXO A INGERÊNCIA DO MOSSAD SIONISTA
SOBRE A POLÍCIA FEDERAL BRASILEIRA! FORA
COM A INGERÊNCIA DE ISRAEL E DOS EUA SOBRE
O GOVERNO, JUSTIÇA E POLÍCIA BRASILEIROS!**

***Pela ruptura de todas as relações do Brasil
com o estado sionista de Israel!***

***Em definitivo, nenhuma compra de armas ou venda de petróleo
ao estado genocida! Cessar fogo imediato e incondicional em
Gaza! Fora o sionismo e o imperialismo da Palestina e de todo o
Oriente Médio! Palestina Livre do Rio ao Mar! Fim do Estado de
Israel! Por uma república soviética palestina! Por uma federação
de estados socialistas no Oriente Médio!***



A deportação da família palestina Abuumar de volta para a Malásia expressou a subordinação do governo brasileiro, e da polícia e justiça nacionais, à ingerência de Israel e dos EUA. Essa família mora na Malásia e vinha de férias ao Brasil, com retorno marcado para 7 de julho. Nem Brasil, nem Malásia, tinham qualquer oposição à viagem. Mas o serviço secreto de Israel, o Mossad, em ato coordenado com os Estados Unidos, denunciou Abuumar como membro do Hamas, taxado como terrorista pelo sionismo e pelo imperialismo. Por isso, o Mossad exigiu a detenção da família palestina, ordem que foi imediatamente acatada pela polícia federal brasileira. A justiça brasileira também acatou a determinação externa, vinda da 4ª parte na questão (a 3ª parte é o imperialismo estadunidense). O governo Lula, que supostamente comanda a polícia federal, não moveu um dedo para evitar a deportação. Provou mais uma vez sua subordinação ao imperialismo ianque, que é quem sempre está por trás do sionismo israelense.

A deportação foi certamente uma violência sobre uma família palestina, mas foi também uma violação flagrante da raquítica soberania nacional brasileira. Caberia a todas as organizações de massa responderem imediatamente ao pisoteamento do país pelo serviço secreto sionista, com apoio dos EUA. Se já não bastasse o genocídio de dezenas de milhares de palestinos, na maioria crianças, pelo sionismo, armado e sustentado pelo imperialismo estadunidense, a ingerência do Mossad para deportar a família palestina trouxe a violência reacionária do estado sionista de Israel sobre os palestinos ao território brasileiro. Caberia convocar imediatamente manifestações de rua exigindo a denúncia e ruptura das relações entre Brasil e Israel. Mas o apoio das direções ao governo e a busca desesperada de apoio eleitoral, entre eleitores e apoiadores reacionários e sionistas, as amarra para agir, até mesmo diante de flagrantes como esse. Diz-se

que a primeira tarefa é combater a extrema direita, mas nada se faz quando medidas extremistas de direita como essa são colocadas em prática.

O governo Lula chegou a suspender por dois meses o acordo de compra de armas (obuseiros) de Israel em maio. No entanto, a suspensão não é o cancelamento do acordo, e sim uma promessa de retomada futura desses negócios. E o Brasil continua exportando petróleo que alimenta a máquina de guerra israelense. E a essência da política econômica do governo Lula ainda é o Arcabouço fiscal, ou seja, fazer de tudo para pagar os serviços e juros da dívida pública, boa parte desse dinheiro cai nas mãos de grupos econômicos sionistas, e também alimenta o genocídio. Ainda que as declarações de condenação do genocídio tenham sua importância, a ausência de medidas práticas de sabotagem do genocídio coloca o Brasil e seu governo na condição de cúmplice do assassinato em massa de palestinos. A reivindicação que corresponde à defesa da vida dos palestinos, contra o genocídio, é a ruptura total de relações com Israel.

As reivindicações do movimento de defesa dos palestinos não farão o governo agir por meios institucionais. Dependem da mobilização geral das massas oprimidas, especialmente do proletariado, que move as fábricas, portos e aeroportos. As manifestações de rua nas grandes cidades têm grande importância, porque projetam o movimento ao conjunto da população assalariada, e pressionam o governo a tomar as medidas necessárias.

O entrave que se ergue para que o movimento avance em suas defesas é a proximidade das disputas eleitorais, que arrastam os partidos, correntes e organizações para o empenho, mais que prioritário, quase que exclusivo, na propaganda dos candidatos. Tudo é subordinado a galgar postos no aparelho do Estado. Mas esse aparelho serve de comitê dos negócios da burguesia, e nunca contra ela. A mesma burguesia que se direitiza no mundo inteiro, e também no Brasil. E se fortalece com medidas de protecionismo ao parasitismo financeiro da dívida pública, e com os ataques às condições de vida e trabalho, e direitos sociais das massas. Medidas essas que não são respondidas com a organização da luta de classes para combatê-las, mas com campanhas eleitorais, cretinismo parlamentar, judicialização, negociação no campo dos ataques.

É a partir dessa concepção capituladora que se questiona o que se deve ou não romper com Israel. Como se fosse possível escolher entre a ruptura do comércio de armas ou a de exportação de petróleo, de acordo com as chantagens do governo israelense, que manobra com a autorização ou não de embarques de palestinos e brasileiros vindos da Faixa de Gaza e demais regiões da Palestina. Não se podem negociar as mortes em nome da diplomacia ou de negócios. As concessões nesse campo representam vidas que são eliminadas sumariamente, portanto, significa ser cúmplice do holocausto dos palestinos, seja por omissão política, seja pelos cálculos eleitorais mesquinhos. É por isso que se deve lutar por meio da ação direta das massas nas ruas para que haja o atendimento das reivindicações pelo governo.

Os palestinos se defendem e têm sua resistência organizada, que luta com as armas que têm contra os massacres sionistas. Enfrentam corajosamente um enclave da maior potência imperialista, armado com grande quantidade de armas e munições. Mas não se trata de um ataque regional. O genocídio de palestinos é a expressão mais acabada da violência destrutiva que as potências imperialistas mundiais realizam em todo o mundo, em benefício do capital financeiro internacional. O enfrentamento vai muito além do enclave sionista no Oriente Médio, é uma luta mundial dos explorados contra os exploradores. É tarefa do proletariado mundial derrotar o imperialismo em toda parte. Será esse movimento mundial das massas que imporá o cessar fogo em Gaza. E abrirá caminho para as revoluções socialistas em toda parte.